

ENTREVISTA / PAULO CURSINO, ROTEIRISTA E CINEASTA

'Acredito, mesmo, que a solução está no brasileiro'

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Quando o Correio da Manhã pisou no set de filmagem de "Silvio Santos Vem Aí", em São Paulo, no apagar das luzes de 2025, o nome que mais se mencionava era o de Paulo Cursino, roteista que virou sinônimo vivo de cinemas lotados. Leandro Hassum, que já filmou muito roteiro dele, disse que foi esse escriba das telas quem primeiro sacou que o astro poderia viver o Homem do Carnê do Baú.

"No cinema, o Paulo Cursino é a minha voz. Nossa parceria é grande e bonita. Um dia, lá em 2017, ele me disse que queria escrever a biografia do Silvio e pensava em mim para o papel. A minha reação foi: 'Você comeu cocô? Só pode'. Aí, nessa época, passei um período mal. Tinha acabado de emagrecer e achava que tinha perdido a graça. Nesse momento eu esbarrei com um grafite do Silvio Santos jovem e pensei: 'Tem semelhança'. O tempo passou e o projeto acabou rolando e veio de uma forma em que não consigo usar as cartas que tenho na manga. Não é um projeto meu. É um projeto em que brinco sem meus brinquedos habituais, num caminho de descoberta", diz o comediante, que pode emplacar a atuação mais primorosa de sua carreira nesse longa, que estreia na quinta com fome de multidões.

Seu foco é o curto período do ano de 1989 em que o apresentador do SBT viveu o sonho de concorrer à Presidência da República, num embate com Collor e Lula. Quem filma essa volta no tempo é Cris

D'Amato, diretora da franquia milionária "S.O.S. Mulheres ao Mar" (2014-15), que foi dragada pela força da escrita de Cursino ao dar um colorido leve ao histórico presidenciável de Senor Abravanel (1930-2024), nome real de Silvio, trazendo as figuras míticas de seus programas para a telonas numa produção da Paris Entretenimento.

"Não é um filme político, mas, sim, um filme de homenagem, que capta a essência do Silvio", diz a diretora, ciente de que pouca gente no país sabe escrever o brasileiro do jeito que o brasileiro gosta, para rir, fazer catarses e pensar.

Ao lado de neochanchadas sem medo algum de serem felizes (e de lucrarem alto), como "Os Farofeiros", a pena de Cursino deu ao país sátiras políticas ("O Candidato Honesto"), um estudo sobre maternidade ("Fala Sêrio, Mãe"), o mais bem-sucedido (e lúdico) longa nacional sobre o Papai Noel ("Tudo Bem No Natal Que Vem") e o biopic do Trapalhão que virou um signo da luta antirracista e venceu Gramado em seu engajamento ("Mussum, O Filmis"). Agora é a vez do Silvio.

Autor da terceira parte da franquia "Os Farofeiros", já em filmagem, Cursino - que tem parcerias fiéis com Hassum; Maurício Manfrini, o Paulinho Gogó; e o diretor Roberto Santucci - antecipa neste papo com o Correio da Manhã o que nosso circuito pode esperar de "Silvio Santos Vem Aí". Com três décadas de carreira no audiovisual, esse paulista de Taubaté, hoje com 56 anos de idade, já levou cerca de 35 milhões de espectadores aos complexos exibidores do país - e esses números só aumentam. Também produtor, há de dirigir já, já. Confirma na entrevista a seguir o olhar crítico dele sobre nossa cultura cinéfila.

O que o Silvio Santos representou para a sua formação de olhar como telespectador?

Paulo Cursino - É muito difícil especificar isso. Eu faço parte de uma geração que nasceu com o Silvio já consolidado. Ele já era conhecido por todos os brasileiros. Eu realmente não tenho idéia de qual foi seu auge, seu clímax, e nem sei dizer se houve uma decadência. Acho que nem o público. Ele fazia parte da paisagem da nossa cultura. Quando lembro de Silvio, lembro da minha infância,

dos meus avós, dos meus primos, de gincanas depois do frango com macarrão do almoço de domingo. Ele trouxe para mim a idéia de um Brasil mais leve, mais bem-humorado, mais unido, e isso ajudou a formar o modo como vejo o público brasileiro até hoje. Eu nunca dividi o público dos meus filmes na minha cabeça. Nunca pensei "esse filme é mais para o Nordeste" ou "este é para o Sudeste", ou "essa piada não vai funcionar no Rio Grande do Sul". Nunca fiz isso. E Silvio também não, seu programa era o mesmo para

o Brasil inteiro. Ele realmente criava e produzia para o país, não para um nicho. Acho engraçado a academia e a crítica brasileira terem se esforçado por décadas em busca da nossa "identidade única". Se tivessem começado a procurar pela televisão, teriam a resposta logo de cara.

O quanto desse Silvio da sua formação está no filme?

Ele está todo lá. Eu não queria escrever um filme que trouxesse apenas "um lado de

Silvio Santos que ninguém nunca viu". Não. Minha idéia sempre foi mostrar o Silvio Santos que todo mundo já viu e aprendeu a amar. Tanto que 80% das cenas dele se passam no palco. A famosa analogia do por-do-sol funciona aqui: não existe espetáculo mais bonito, mas quantas vezes paramos para ver e valorizar este por do sol como se deve? O filme tem essa proposta, de olhar para o Silvio e seu programa como se deve. Havia riqueza naquilo que ele fazia, havia detalhes, competência, talento, vai além do entretenimento. O que fiz foi colocar uma lupa sobre o Silvio que amamos, sobre o que todo mundo viu, e não sobre o que ninguém viu.

O que essa fase atual sua de biografias tem revelado de interessante, a começar pelo longa sobre Mussum?

O mais interessante foi perceber que muita gente enxerga em mim um autor contraditório, e às vezes tenho explicar que não é nada disso. Quando escrevi "O Candidato Honesto", muitos vieram me perguntar o que eu tinha contra o país, porque o filme demolia nossa política. E eu sempre respondia que não tenho nada contra o Brasil, mas que apontar defeitos, fazer críticas, é um função da arte, ainda mais comédia. Esta percepção de que eu não gosto do Brasil, que meus filmes eram "americanizados", sempre me incomodou, porque não é verdade. Acho que, de certa forma, sem querer, sem ter planejado isto, estou tentando refutar essa visão falando de brasileiros notáveis, como foi o Mussum e agora com Silvio Santos. Fui chamado a colaborar até mesmo no filme do Mauricio de Sousa. Claro que isso advém da minha forma de enxergar política e sociedade. Sim, o Brasil como país é complexo, complicado, difícil,